

MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI

Katyusha Madureira Loures de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

Nas constantes mudanças do espaço de trabalho, muitos dos esforços realizados são invisíveis – ou parecem inacreditáveis – para aqueles que não conhecem determinada área profissional. Problemas diários com barreiras intransponíveis e oportunidades para posições nas profissões do futuro são constantes. Essas reflexões podem ser atestadas por qualquer pessoa em uma grande organização, mas em especial por quem visa à autonomia, ou simplesmente ao reconhecimento.

O que é de fato importante é que a forma de inserção no mercado de trabalho está mudando, e a quantidade de profissionais disponíveis não para de crescer. E, apesar da crise em curso, existem vagas principalmente em setores estratégicos e promissores.

O mercado já não é mais aquele no qual se construía carreira em uma mesma empresa para toda a vida. Atualmente, experiências diversificadas são comuns em currículos tanto com relação à atuação em diferentes empresas quanto no que concerne ao conhecimento em diversas áreas de uma profissão. Diante desse cenário, se pretende ser competitivo, o profissional precisa acompanhar o dinamismo e aprimorar conhecimentos a fim de aproveitar as oportunidades que surgirem. Isso não significa abrir mão de sua área de formação, mas ser capaz de identificar as oportunidades mais promissoras.

Este capítulo originou-se da mesa de trabalho e discussão do tópico sobre o mercado de trabalho do bibliotecário do século XXI, que se reuniu no edifício sede do Ipea, em Brasília, em janeiro de 2017, durante o *workshop* “O bibliotecário do século XXI”.

Dessa mesa de trabalho, participaram sete bibliotecárias: Viviane Veras, vinculada ao Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro); Maria Tereza Walter, vinculada ao Supremo Tribunal Federal (STF); Joanita Pereira, vinculada

¹ Bibliotecária, Analista em Ciência e Tecnologia da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Doutoranda em Educação em Ciências para a Vida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre em ciência da informação e bacharel em biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB).

à Universidade Católica de Brasília (UCB); Danyelle Silva, vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB); Mariana Ferraz, vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MP); Stella Maria Vaz, vinculada ao Senado Federal; e Katyusha Madureira Loures de Souza, vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Também participou dessa mesa, como relator, o jornalista Pedro Cavalcanti G. Ferreira, do Ipea.

Na oportunidade, os principais pontos para discussão foram relacionados à evolução do mercado laboral e às expectativas para o futuro, à formação acadêmica e técnica necessária para a atuação no mercado de trabalho do século XXI, além da postura que o bibliotecário deve ter diante deste cenário. As queixas relatadas pelos participantes diziam respeito:

- à falta de estudos brasileiros atuais sobre a temática;
- ao prejuízo do desenvolvimento da profissão, devido ao estereótipo existente, que não mais representa com fidelidade a classe profissional;
- às mudanças no mercado profissional;
- à falta de conexão entre a academia e o mercado de trabalho; e
- à necessidade de maior interação com as entidades representativas de classe, bem como de melhor conhecimento sobre estas.

2 MUDANÇAS NO MERCADO DE TRABALHO

De acordo com a Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, a profissão de bibliotecário é privativa dos bacharéis em biblioteconomia, cujas atribuições são definidas no art. 6º:

Art. 6º São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação.
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação.
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

A legislação, como se vê, apresenta uma visão restrita das atividades desse profissional de nível superior. Entretanto, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho – MT (Brasil, 2002), permite ter uma visão mais ampla, ao apresentar, na descrição sumária de suas atividades, que

[Os bibliotecários] Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Tendo em mente os conceitos e as ideias apresentadas, a primeira consideração da mesa de trabalho a respeito da temática *mercado de trabalho do bibliotecário do século XXI* foi que o mercado que considera apenas a parcela tradicional da área estaria em retração.

Essa observação foi feita por integrantes do debate, considerando-se, principalmente, o encerramento de atividades de diversas bibliotecas físicas, ocorrido não apenas no Brasil – ou somente em Brasília –, mas em todo o mundo. No Distrito Federal, pode-se citar como exemplo, entre tantos outros, a Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles, que foi fechada pela Defesa Civil do Distrito Federal em maio de 2014 devido às condições físicas precárias.

Visto como um fenômeno mundial, o fechamento desse serviço reflete, sob a perspectiva do grupo, mais do que restrições orçamentárias dos órgãos aos quais as bibliotecas estão subordinadas. Mostra uma mudança de comportamento da sociedade como um todo, principalmente devido ao surgimento de novas tecnologias e sua incorporação no cotidiano. Ou seja, as interações sociais estão mudando, assim como o modelo de sociedade, que vivencia seu ápice tecnológico.

A convergência tecnológica está relacionada à combinação de quatro grandes áreas do conhecimento: nanotecnologia; biotecnologia; tecnologias da informação e da comunicação; e ciências cognitivas (neurociências). Segundo Cavalheiro (2007), o desenvolvimento com grande velocidade destas áreas em convergência pode introduzir mudanças significativas na sociedade e no ambiente, incluindo desde tecnologias para o prolongamento da vida até o aprimoramento de funções mentais e o aumento da velocidade de aprendizagem e da memorização. Para que se possa compreender o significado dessa mudança, devem-se considerar algumas declarações de instituições e entidades representativas – como a National Science Foundation – NSF (NSF, 2002), nos Estados Unidos; o High Level Expert Group (Nordmann, 2004), na Comunidade Europeia; ou o Consejo Superior de Investigaciones Científicas (2005), na Espanha. Segundo esses órgãos,

- as quatro áreas de conversão estão em sinergia e se desenvolvendo de forma muito rápida;
- a convergência dessas áreas refere-se a uma combinação que refletirá uma natureza interdisciplinar;
- essa convergência se dá pela busca de um objetivo, agenda ou meta em comum;
- as interações são entre sistemas vivos e artificiais, que permitirão expandir ou melhorar capacidades, resultando em aumento do bem-estar social; e
- a interação entre áreas de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico resulta em novas possibilidades tecnológicas com relação à qualidade e aos impactos potencialmente revolucionários.

As aplicações da convergência são diversas: melhoria da saúde e da capacidade física humanas, aperfeiçoamento das relações sociais e de grupos, segurança nacional, unificação da ciência e da educação, expansão da cognição e da comunicação humanas, entre outras. A remoção de barreiras de comunicação e geográficas é um dos grandes ganhos, considerando-se o aumento de efetividade e eficiência, produtividade e criatividade.

Nesse sentido, há que se considerar a necessidade de alteração dos modelos atuais de oferta de serviços da área, pensando-se também na infraestrutura atualmente disponível, como o espaço físico, que deve levar em conta o fornecimento de energia, internet *wireless* gratuita e espaço para descanso *versus* o espaço virtual, com aplicativos, bases de dados, redes sociais, jogos e portais interativos.

Segundo Cunha (2013), em um ambiente no qual o campo de atuação está passando por competição e apropriação de limites, impactado por tecnologias, é possível verificar o desenvolvimento de novos espaços de trabalho, fundamentalmente relacionados às propriedades universais e culturais da informação, que levam a trocas e novas formas de intermediação. A construção desses novos ambientes profissionais confunde fronteiras e limites, como parte de um processo de fragmentação e dispersão do mundo do trabalho. E, nesse sentido, se modificam o sistema de profissões, suas articulações, estruturas de trabalho, os papéis e as relações profissionais.

Para os bibliotecários, as consequências dessas mudanças se devem à diversidade de suportes, funções, papéis, usos e expectativas dos usuários na relação com o tratamento e o uso da informação. Isso porque o aumento da utilização da informação representa, de acordo com Cunha (*op. cit.*), uma diversificação do trabalho desses profissionais.

3 PERCEÇÃO DA SOCIEDADE SOBRE O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

A existência de um estereótipo para o bibliotecário pode ser verificada por meio de diversos trabalhos de recopilação, levantamentos de fontes literárias e meios de comunicação de massa. Na literatura técnica e profissional, esse estereótipo se verifica na alusão à imagem geral de baixo *status* e invasão de especialistas de outras áreas em seu mercado de trabalho. Isso, indiretamente, promoveria a capacitação permanente e o enfrentamento de um novo paradigma como instâncias que permitiriam superar a imagem vigente.

Desse modo, considerando-se o processo de construção de representações sociais e a lista de modelos ou imagens estereotipadas, é possível identificar o mecanismo social que lançou essa imagem do bibliotecário.

Segundo Quin (1995 *apud* Roggau, 2006, tradução nossa),

os estereótipos são tanto verdadeiros como falsos. As características selecionadas para categorizar um grupo social não são inventadas, mas escolhidas de uma enorme lista de possibilidades. A seleção em si se baseia em uma série de preconceitos sobre o grupo. A veracidade do estereótipo está na seleção das características; sua falsidade está na distorção que resulta da seleção de determinadas características.²

Nesse sentido, percebe-se que a mídia e o mercado laboral não caracterizam esse profissional como sendo conectado ao cenário atual de tecnologia e evolução constante, dado que frequentemente ele é retratado como uma pessoa introspectiva, taciturna, extremamente metódica e bibliófila. O enfrentamento desse estereótipo só ocorrerá quando se colocar em dúvida a concepção criada e a profissão for compreendida de forma clara.

Essa ideia a respeito do bibliotecário possivelmente surgiu com o início da profissão, quando a preservação e a custódia das obras eram necessárias. Entretanto, a profissão, que passou por diversas fases nas quais alguma atividade se destacava – incluindo-se o controle bibliográfico, a recuperação da informação e, agora, sua disseminação, mas com alta revocação, utilizando-se cada vez mais a tecnologia –, ficou no imaginário com a “vestimenta” do passado. A base teórica ainda em desenvolvimento também colabora para esse imaginário, tendo em vista que não se trata de um campo da ciência com teorias claras, explícitas.

Pesquisas e estudos sobre essa temática precisam ser elaborados frequentemente, como um estudo de usuários é feito (ou deveria ser), com o objetivo de melhor atender à comunidade à qual o bibliotecário serve. Entre as pesquisas a

2. Texto original: “los estereotipos son a la vez ciertos y falsos. Las características que se seleccionan para categorizar a un grupo Roggau / Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad social no se inventan sino que se escogen de una lista enorme de posibilidades. La selección en sí se basa en una serie de prejuicios sobre el grupo. La veracidad del estereotipo yace en la selección de las características; su falsedad yace en la distorsión que resulta al seleccionar determinados rasgos característicos que se aceptan como rasgos representativos del grupo”.

serem realizadas no país, destaca-se a necessidade de haver mais estudos que permitam verificar se a percepção da sociedade sobre o bibliotecário foi alterada, bem como aqueles que objetivem embasar ações de divulgação da real caracterização desse especialista.

Em complemento a esses estudos, a análise da situação atual do mercado de trabalho, considerando o estereótipo e o verdadeiro perfil que um profissional de biblioteconomia deveria ter, permitiria construir uma estratégia de *marketing* profissional. Essa estratégia ensejaria o auxílio à divulgação de atividades que ele está capacitado a desempenhar e os ganhos que sua contratação poderia trazer.

Essa atividade foi mencionada nos debates do grupo, que também identificou a necessidade de empenho das entidades de classe para consecução desses objetivos e a relevância do engajamento dos bibliotecários para se alavancar o conhecimento correto de seu trabalho. Ou seja, o redesenho da segmentação de mercado, com ênfase nas competências para o trabalho com a informação, e não com foco no espaço de atuação, mostrou-se de grande importância na transformação desejada.

4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Além dos pontos abordados, também foram citados pelo grupo a falta de importância dada pelos bibliotecários à sua formação e a baixa autoestima no desempenho de suas atividades. Essas características foram consideradas porque, em grande parte dos profissionais, verifica-se ausência de convicção no trabalho desempenhado e na formação recebida, o que lhes ocasiona dificuldades para se impor tecnicamente.

Esses pontos foram levantados por experiências vivenciadas no grupo, mas não foram apurados na literatura brasileira estudos sobre autoestima, apenas sobre formação acadêmica e técnica. Este último item, segundo Walter e Baptista (2008), é um ponto negativo, uma vez que, segundo as autoras, os profissionais estão “dissociados da realidade e mais preocupados com as técnicas que com os aspectos sociais do exercício do trabalho na área”.

Sobre o trabalho de Walter e Baptista supracitado, é importante destacar que a visão percebida do profissional de biblioteca parece não ter mudado e que um dos pontos discutidos pelo grupo sobre o fechamento das bibliotecas físicas parece ter sido motivado pelo trecho em que as autoras citam Basefsky (1999, *apud* Walter e Baptista, 2008, p. 90): “A maioria das bibliotecas terá que demonstrar sua utilidade para uma organização que não mais entende seu papel e sua função. Nesse processo, o papel e a função do bibliotecário não mudarão muito. O que mudará será a cultura da Biblioteconomia”.

As autoras aludem ainda às competências do moderno profissional da informação, de acordo com o artigo de Abels *et al.* (2003), no qual se observa a

necessidade de colaboração com a organização à qual se está vinculado, a utilização de tecnologias, a posse de competências em relação à gerência de organizações de informação, de recursos de informação, de serviços de informação e o uso de ferramentas e tecnologias de informação e pessoais, constituindo-se, assim, os bibliotecários assim comunicadores e colaboradores com valor agregado, flexíveis e positivos em ambientes de mudança. As autoras concluem que a formação deve estar conectada com as mudanças tecnológicas; além disso, a educação continuada também é necessária para a sobrevivência do bibliotecário. Por isso, a formação precisa estar alinhada às exigências de mercado, além das acadêmicas, e principalmente às demandas sociais.

O conhecimento geral, assim como o bom domínio de idiomas e de tecnologias de comunicação, considerados pelo grupo como barreiras a serem transpostas, estariam diretamente relacionados à formação. Isso, principalmente na proposta de alinhamento entre academia, mercado e sociedade para a formação profissional e, na educação continuada, para a evolução do desempenho das atividades, resultando em autoconfiança, o que permitirá ao bibliotecário colocar-se tecnicamente diante de outros profissionais, conquistando maior valorização.

A Special Libraries Association (SLA, 2016) – organização global sem fins lucrativos fundada em 1909, dedicada a profissionais de informação inovadores e seus parceiros estratégicos em negócios, governo, academia e outros ambientes especializados – indica, como competências básicas:

- conhecimento em serviços de informação;
- conhecimento em tecnologia e sistemas de informação;
- conhecimento em recursos de informação;
- conhecimento em recuperação e análise de dados e informações;
- capacidade para organização de dados, informações e ativos de conhecimento; e
- ética da informação.

Além das supramencionadas, a SLA também recomenda outras competências compartilhadas por especialistas de outras áreas, e que são vitais para o sucesso e o desenvolvimento profissional, como pensamento crítico, iniciativa, flexibilidade, criatividade, inovação, comunicação oral e escrita eficaz, *networking*, *marketing*, liderança, aprendizagem contínua, desenho e desenvolvimento instrucional e ética.

5 POSTURA PROFISSIONAL

Para seguir pelo caminho do reconhecimento técnico e da boa formação técnica e acadêmica, é preciso que o bibliotecário saia de sua zona de conforto. Essa percepção, indicada por todos os participantes da discussão, já foi citada até na tese de Maria Tereza Walter (uma das integrantes dos debates), publicada em 2008. Segundo a autora, essa característica se deve principalmente à proteção da legislação sobre determinados espaços de trabalho – por exemplo, as bibliotecas, que só podem ser chefiadas por bacharéis em biblioteconomia. Entretanto, conforme mencionado no trabalho dessa autora e nas discussões do grupo, as terminologias, os processos e os locais de trabalho dos profissionais da área estão se diversificando. É comum encontrar espaços físicos com nomes como *centro de informação*, *setor de pesquisa e análise*, *coordenação de gestão da informação*, além de novas denominações para o bibliotecário, como *cientista da informação*, *gestor de informação*, *analista de informação*, *arquiteto de informação*, *cybertecário*, entre outros, incluindo-se ainda *assessor*, para alguns tipos de serviços.

Nesse sentido, onde a proteção de mercado deixa de existir – já que o uso de termos para a definição de trabalhos e espaços está se modificando –, faz-se mister a movimentação do bibliotecário, no sentido de garantir e ampliar o seu espaço no mundo do trabalho, que deixaria de ser caracterizado por aspectos físicos ou processos específicos. As modificações trazidas pelo passar do tempo não devem ser encaradas como uma forma de enterrar o passado, mas como suporte para a evolução necessária. Nenhuma ciência se fundamenta e evolui sem uma base histórica forte, e esse legado rico é fundamental para que o novo possa se desenvolver.

O aprimoramento de conhecimentos e habilidades técnicas e pessoais, por meio da educação continuada, faz-se cada vez mais necessário. Isso porque o surgimento e a evolução das tecnologias de informação e comunicação, além do próprio mercado laboral, têm se tornado uma constante. Podem-se verificar essas mudanças até mesmo nas relações de trabalho, em que o vínculo empregatício cede espaço a outros modos de relacionamento profissional.

Entre os principais requisitos exigidos modernamente, a proatividade também foi citada. Isso porque, além de uma mudança curricular, o rompimento do imaginário consagrado pelo mercado e pela sociedade sobre o profissional é que de fato permitirá criar novas oportunidades e mostrar o custo-benefício que se tem ao se contar com um bibliotecário na conjuntura socioeconômica que se apresenta.

A antecipação na criação de projetos, a resolução de problemas ou a organização de tarefas sempre foram intrínsecas à profissão, já que o desenvolvimento de serviços e produtos relacionados à informação sempre contou com essa prática. Entretanto, agora, mais do que antecipar soluções, é preciso antecipar comportamentos e interações. O hábito de prever as necessidades de informação, praticando

a disseminação seletiva da informação ou melhorando o acervo com obras atuais, deve também alcançar o estudo das disponibilidades tecnológicas e comportamentais, além das interações no mercado laboral.

A busca natural por encarar desafios, prognosticando cenários e perspectivas, em vez de apenas responder às mudanças de contextos, é obrigação para quem quer ser reconhecido como proativo e conectado. A postura de estar sempre pesquisando, procurando novidades, se capacitando e agregando cada vez mais em sua atuação e na instituição à qual se está vinculado expressa comprometimento com a evolução, pois envolve dedicação e positividade, gerando confiança e entusiasmo.

A definição do que seja um profissional promissor, cuja contratação signifi um bom custo-benefício, entretanto, depende de diversas outras variáveis. A eficiência e a eficácia em seus processos, por exemplo, resultam em economia para seu contratante, enquanto a capacitação adequada reduz o tempo para a execução das atividades. Ou seja, as justificativas para a contratação ou não de determinado profissional devem contar não apenas com um fator ou característica, mas com diversos. Não é possível ditar com certeza quais serão os desdobramentos no mercado de trabalho no século XXI. O investimento em capacitação continuada pode não ser suficiente, tendo em vista que o cenário é incerto, mas a postura profissional e as habilidades comportamentais farão a diferença. Independentemente da área de atuação, a proatividade é uma das características mais valorizadas, pois o amanhã é construído pelo que realizamos hoje. Assim, aquele que antecipa necessidades enxerga além e cria um cenário favorável para si, acompanhando mudanças e desenvolvendo-se continuamente, ampliando suas possibilidades.

6 FORTALECIMENTO DA CATEGORIA PROFISSIONAL, E NÃO APENAS DO PROFISSIONAL INDIVIDUALMENTE

O fortalecimento da categoria, e não apenas do profissional individualmente, permite acompanhar as alterações econômicas, as relações no mundo do trabalho e dos processos sociais, favorecendo ações eficazes que permitirão dar uma resposta adequada à sociedade e ao mercado e que fortalecerão a profissão na busca por reconhecimento.

A Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, do art. 8º ao art. 36 (o penúltimo da lei), descreve o Conselho Federal e os conselhos regionais de biblioteconomia, deixando claras todas as obrigações das entidades, principalmente nos artigos 15 e 20, em que são abordadas suas atribuições. Nesses artigos, além das diretrizes sobre o papel da fiscalização dessas entidades, destaca-se a incumbência de levar ao governo federal sugestões de modificações para melhor regulamentação da profissão, de acordo com propostas apresentadas pelos conselhos regionais, que admitem ainda a colaboração de associações de bibliotecários. A título de exemplo,

temos a Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), que, segundo seu sítio eletrônico, caracteriza-se por ser uma entidade sem fins lucrativos, “representativa da classe de bibliotecários com atuação nas áreas de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação”. O *site*, ademais, informa que a associação foi criada em 18 de setembro de 1962, constituindo-se em uma “sociedade civil de utilidade pública, pelo Decreto nº 86.668, de 30/11/1981”.³

Citadas pelos participantes do grupo de discussão como sendo de fundamental importância para a mudança proposta, as entidades representativas (Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB, Conselho Regional de Biblioteconomia – CRB, a supramencionada ABDF, entre outras) foram descritas como pouco atuantes ou ineficientes. Entretanto, há que se destacar que poucos entre os presentes afirmaram associar-se a essas entidades quando não fosse obrigatório fazê-lo.

A falta de alinhamento dos profissionais com suas entidades representativas impede que estas estejam em sintonia com os desejos dos profissionais. De fato, a participação destes é que permite construir um projeto que fortaleça os objetivos da categoria, com propostas de diretrizes curriculares para instituições de ensino, por exemplo, baseadas na ética e na política profissional, e com o debate sistemático sobre o conhecimento produzido na academia e sua vinculação ao mundo do trabalho.

Há ainda que se esclarecer as finalidades dessas instituições ou talvez ampliar a divulgação sobre elas, dado que, no decorrer do debate, ficou claro o desconhecimento, por parte da maioria dos bibliotecários presentes, sobre sua atuação, missão e legislação. Na oportunidade, sugeriu-se que os gestores dessas entidades fizessem uma apresentação sobre as instituições, com o intuito de sanar as dúvidas surgidas nas discussões.⁴

Em uma sociedade cada vez mais individualista, é de fato um grande desafio assumir o papel de dirigente de uma entidade como essa, já que a tarefa de conscientização e fiscalização da classe, por meio de suas ações, é que cria os laços entre os representados, para que se possa lutar pela valorização do profissional, zelar pela ética e defender a classe. Uma profissão que não tem uma entidade para defendê-la tende a ser mais marginalizada e padecer de mais conflitos.

A diferença entre uma entidade bem-sucedida e uma que ainda está no caminho é o espírito de união de seus associados, a partilha de valores, a disponibilidade em abraçar projetos, a dedicação a uma causa e, sobretudo, a vontade e o orgulho de seus componentes em lutar pela entidade e vê-la cada vez mais forte. É a união que engrandece a entidade e a faz ter sucesso.

3. Disponível em: <<https://goo.gl/iMYmTH>>.

4. Essa apresentação foi agendada para um mês após o evento e contou a presença de muitos profissionais.

Pelo debate, verificou-se que o conhecimento das finalidades, dos estatutos, organogramas e eventos promovidos pelas entidades não era de conhecimento geral. A trajetória dessas organizações era clara para quem participou de sua história, mas desconhecida para os novos profissionais, que pouco ou nada têm de conhecimento sobre elas. Essa desinformação, ou mesmo desinteresse, impacta na atuação no mercado. Nesse sentido é que chamamos atenção para o desconhecimento dos bibliotecários acerca dos direitos, deveres, valores e princípios da profissão.

7 CONCLUSÃO

Como resultado do debate, considerando-se as experiências apontadas pelos participantes, conhecidas pela vivência na área e pelo compartilhamento com colegas, além da bibliografia existente sobre a temática do mercado de trabalho para o bibliotecário, há algumas necessidades a destacar, conforme se expõe a seguir.

- Ensejar a apropriação, por esses profissionais, das ferramentas de tecnologia da informação: conforme mencionado, o conhecimento das tecnologias disponíveis para o desempenho de atividades torna-se imprescindível para a ampliação de seu mercado.
- Mostrar que o papel do bibliotecário não diminuiu com as novas tecnologias e identificar os novos nichos de atuação: além do conhecimento sobre a existência de tecnologias que permitam melhorar suas atividades e processos de trabalho, o conhecimento sobre as interações sociais também trará ganhos para este especialista, pois permitirá identificar oportunidades de inserção e conexão com outros nichos profissionais.
- Além de levantar a bandeira em defesa da profissão, mostrar os resultados que um bibliotecário pode apresentar: mais do que defender seu mercado de trabalho e destacar o papel tradicional da profissão, é necessário mostrar as potencialidades que os conhecimentos de bibliotecário proporcionam atualmente, não apenas com debates e propostas, mas com produtos e serviços que agreguem valor, seja na antecipação de necessidades, seja no detalhamento de informações.
- Entender as novas demandas dos potenciais usuários: o conhecimento das interações socioeconômicas e profissionais no contexto da evolução constante da tecnologia é um diferencial para os bibliotecários. Ou seja, a educação continuada não apenas permitirá o desempenho de suas atividades, mas também trará uma visão mais ampla das restrições e possibilidades de sua atuação.
- Esclarecer à sociedade e ao mercado a atuação e as potencialidades do bibliotecário: os esclarecimentos somente podem ser oferecidos quando se

conhece a imagem que o profissional passa para a sociedade e o mercado. Nesse sentido, o trabalho apresenta-se maior, seja porque é necessário atualizar os estudos existentes, seja porque somente após novas pesquisas será possível definir as estratégias de *marketing* profissional nas entidades representativas de classe.

- E, por fim, propor a revitalização e a continuidade da linha de pesquisa sobre o profissional da informação, de forma a aproximar a academia do mercado de trabalho, alinhando a teoria à prática e gerando ganhos para ambas as esferas.

De forma geral, entre os profissionais, é bastante disseminada a percepção da necessidade de melhoria na formação acadêmica no que tange às novas tecnologias. Há um distanciamento entre a academia e a vida laboral que, segundo os bibliotecários, precisa ser superado, posto que essa diferenciação interfere de forma direta nas oportunidades de emprego e mesmo no desempenho de atividades.

A postura dos bibliotecários ante os desafios também foi destacada como ainda acanhada e insegura durante a reunião e os debates. Entretanto, essa característica merece estudo, visto que não houve unanimidade a respeito. Nesse sentido, o reforço na necessidade de desenvolvimento da linha de pesquisa sobre o mercado de trabalho do bibliotecário, com certeza, foi o ponto mais sensível, que seguramente permitirá esclarecer muitas das dúvidas surgidas. O conhecimento da legislação sobre a profissão e a possibilidade de participação em entidades representativas certamente também proporcionarão maior comprometimento.

Dizer que o mercado laboral se apresenta amplo, considerando as novas tecnologias que surgem a cada dia e as mudanças que a sociedade tem vivenciado, é ter certeza de que o bibliotecário é um profissional flexível, adaptável e conectado com as necessidades de seus usuários ou interagentes, mantendo-se em constante capacitação e melhorando sua *performance*. Esse é o estereótipo que a classe quer que a sociedade tenha em mente, mas o caminho ainda é longo.

O futuro da profissão está diretamente relacionado à capacidade de adaptação às demandas do mundo contemporâneo e de atenção às novas competências requeridas para o desempenho de atividades, como o conhecimento em técnicas de comunicação, interação, informática e gestão. Além disso, os diálogos com profissionais de outras áreas podem trazer mais oportunidades que ameaças.

REFERÊNCIAS

ABELS, E. *et al.* **Competencies for information professionals of the 21th century**. Revised edition, jun. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/w1xkqh>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

ABDF – ASSOCIAÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. **Histórico**. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/oNi86S>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

BASEFSKY, S. The library as an agent of change: pushing the client institution forward. **Information Outlook**, v. 3, n. 8, p. 37-40, ago. 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/X4tMn7>>.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília: Congresso Nacional, 1962. Disponível em: <<https://goo.gl/F0TDjh>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. Ministério do Trabalho. **Classificação brasileira de ocupações**. Brasília: MT, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/angd>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

_____. Ministério da Cultura. **Secretário de Infraestrutura Cultural do MinC: foco na construção e na reforma de equipamentos culturais**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/tAfPqQ>>. Acesso em: 3 out. 2017.

CAVALHEIRO, E. A. A nova convergência da ciência e da tecnologia. **Novos estudos**: Cebrap, São Paulo, n. 78, p. 23-30, jul. 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/GQ3jzJ>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS. **El desafío de la convergencia de las nuevas tecnologías (Nano-Bio-Info_Cognos)**. Barcelona, 2005.

CUNHA, M. V. Las profesiones de la información: um escenario de cambios. **Ciencia de la información**, v. 44, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/E9CDW6>>. Acesso em: 3 out. 2017.

NORDMANN, A. **Converging technologies: shaping the future of European societies – Report 2004**. European Commission Research, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/8jCTGX>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

NSF – NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. **NSF PR 02-57 – July 8, 2002: converging technologies can improve human performance, report says**. Virginia, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/k85SJW>>. Acesso em: 5 maio 2017.

ROGGAU, Z. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 15, p. 13-34, 2006.

SANTOS, P. R. *et al.* Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em biblioteconomia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 2, p. 14-32, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/13rdfg>>. Acesso em: 3 out. 2017.

SLA – SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION. **Competencies for information professionals**. Approved 13 April 2016 by board of directors of the Special Libraries Association. Disponível em: <<https://goo.gl/sDRp9s>>. Acesso em: 3 out. 2017.

WALTER, M. T. M. T. **Bibliotecários do Brasil**: representações da profissão. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WALTER, M. T. M. T.; BAPTISTA, S. G. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 13, n. 25, 1. sem. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/FNps3Q>>. Acesso em: 3 mar. 2017.